

Memória e mulher: Um estudo da crônica “Companheiras” de Eneida de Moraes

Francisco Pereira Smith Júnior ¹

Maria Geranilde Mendes Monteiro ²

RESUMO: Este artigo apresentará um estudo sobre memória de mulher no período da ditadura militar na crônica de cunho político “Companheiras” da escritora paraense Eneida de Moraes que a partir de sua militância lutou por um mundo democrático e melhor. Para isso, o texto se apoiará nas teorias de HALBWACHS(2004) e LE GOOF (1996).

PALAVRAS-CHAVE: Memória; papel da mulher; ditadura; literatura.

A Literatura de expressão amazônica é resultante de uma produção artística que vai além da cultura, da paisagem, da identidade e da linguagem local. Esses elementos por muito tempo serviram de explicação para esta literatura, identificando uma produção literária que permeia apenas o regional. Mas, sabe-se que essa literatura está além desta simples classificação e se tornou mais universal do que se possa pensar. Dentre os temas de grande discussão, cito a memória como uma forte discussão encontrada na Literatura de expressão amazônica.

Atualmente se percebe que na literatura existem obras com cunho memorialistas que tratam do papel da mulher na sociedade, narrando fatos de lutas, conquistas e das diferenças que a sociedade delimita a esse grupo. O século XX no Brasil foi um período de grande efervescência política, mulheres corajosas passaram a defender seus direitos em artigos de jornais, revistas e manifestações públicas.

No Brasil, a questão da cidadania e da política de gênero esteve ligada, fundamentalmente, ao reconhecimento da participação política da mulher na sociedade. No início do século XX a ação política feminina toma maiores proporções culminando com a fundação da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, na década de 1920, mais tarde conhecida como Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. A luta tende a ser não apenas pelo reconhecimento do direito ao voto, mas pela cidadania plena. (CALDAS, 1997 p.329)

Nesse sentido, compreende-se que as reivindicações e os movimentos dos direitos as mulheres não estavam ligados apenas ao sufrágio, mas implicava a conquista da cidadania ao espaço de trabalho até a vida familiar. No entanto, esses espaços foram adquiridos gradativamente, inclusive o direito ao voto só ocorreu em 1932. A luta pelo

direito ao voto da mulher chegou ao seu fim em 1932, quando o novo Código Eleitoral incluiu a mulher como detentora do direito de votar e de ser votada. (PINTO, 2003 p.28)

Porém, a luta das mulheres não se resumiu apenas as reivindicações de seus direitos na sociedade, elas estiveram lado a lado com os homens na batalha contra a repressão do Estado Novo como também na ditadura, militaram na Aliança Nacional Libertadora (ANL) que teve Olga Benário como uma das lideranças comunistas revolucionárias, esse movimento combatia os horrores apregoados pelo fascismo. Mulheres corajosas e inconformadas com as injustiças sociais sofreram torturas violências e prisões em prol de um mundo mais justo.

A luta das mulheres era encampada pela União Feminina, entidade que se articulava com a Aliança Nacional Libertadora, cujo objetivo principal era barrar o facismo, adotando o lema: “pão, terra e liberdade”. A união feminina é colocada na ilegalidade em 1935, ocasião em que foram presas suas lideranças, entre elas Olga Benário Prestes. (CALDAS, 1997 p.330)

As mulheres tiveram participação ativa nas mudanças ocorridas na sociedade no decorrer da história, persistindo até os dias atuais, assim lutando para a superação das desigualdades entre gêneros existentes nas mais diferentes esferas sociais. Na história da literatura as mulheres tiveram um vasto envolvimento nas produções artísticas, suas obras abordavam temas com questionamentos de valores e ideologias. Diversas escritoras participaram ativamente na imprensa feminina colaborando com crítica, ensaios e diversos trabalhos em jornais e rádios.

As mulheres de acordo com sua época e os padrões impostos do momento, souberam exporem seus ideais e opiniões, reivindicando e interagindo nas questões sociais. E na literatura esse comportamento foi crucial para evidenciar um papel ativo na arte de escrever, revelando que a mulher não esteve à margem da produção literária. Nesse contexto serão evidenciados alguns trabalhos literários realizados por mulheres, como os de *Adalcinda Camarão*, escritora paraense que muito colaborou com diversos jornais e revistas, entre as quais a “Terra Imatura”, que muito contribuiu para difundir a produção intelectual paraense. Como também, Maria Lúcia Medeiros autora paraense nascida na cidade de Bragança produzindo um belíssimo trabalho literário, entre eles “Zeus ou A Menina e os Óculos” livro prefaciado pelo crítico Benedito Nunes que confessa-se enfeitiçado pela ficção poética.

Com sua seriedade foi uma escritora de excelente produção literária, além da função de professora e poeta. Reconhecida como uma das maiores contistas paraenses. Tornou-se um dos mais importantes ícones literários do Pará. Seus livros falam de sentimentos,

entre eles a angústia e a solidão, com destaque para o viés emocional e da personalidade da escritora bragantina e são ambientados numa época chamada por ela de “modernidade”. Um exemplo disso é o livro *Horizonte Silencioso*, em que se destaca uma linguagem de enorme nostalgia, quando Maria Lúcia abordava a mudança do tempo, aspectos de sua infância e adolescência. (RODRIGUES, 2012 p.03)

Assim, ao longo do tempo as mulheres vieram conquistando seu espaço na produção artística deixando de ser meras coadjuvantes dentro do âmbito literário, lutaram e construíram a própria história na arte de escrever.

As experiências adquiridas no decorrer do tempo e dos acontecimentos geram um mundo de informações na vida do indivíduo juntamente com essa bagagem situa-se as recordações designando assim, a memória. A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1996 p.423)

A palavra memória surgiu da mitologia grega referia-se a deusa *Mnemosyne* (A Memória) era privilegiada entre os deuses, por ser filha de Urano e Gaia (O Céu e a Terra), também era reconhecida por estimular os poetas.

A palavra memória, advinda do nome da deusa *Mnemosyne*, desde a origem retrata a natureza coletiva do evento, sem perder de vista o caráter individualizador da criação poética, ligada à história, epopéia, lírica [...]. Por outro, a transitoriedade, como função da memória conferida aos poetas, nos remete ao significado dos mundos relatados. (FERNANDES, 2011 p.142)

Alguns estudiosos estudam o amplo campo da memória um desses trabalhos é desenvolvido por Maurice Halbwachs que propaga o conceito de “memória coletiva” e “memória individual”. Nesse sentido, a memória coletiva está voltada a memória de um grupo de pessoas, passando de geração a outra, sendo que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, onde todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. (HALBWACHS, 2004 p.58)

Cada povo cristaliza sua cultura e sua história a partir de sua memória, nas comunidades ágrafas isso ocorre através das narrativas orais recorrendo aos homens-memórias que são pessoas especializadas para transmitir a história de seu grupo.

Nestas sociedades sem escrita há especialistas da memória, homens-memórias: “genealogistas”, guardiões dos códices reais, historiadores da corte, “tradicionalistas”, dos quais Balandier [1974, p. 207] diz que são “a memória da sociedade” e que são simultaneamente os depositários da história “objetiva” e da história “ideológica”. (LE GOFF, 1996 p.429)

O surgimento da escrita e posteriormente o da imprensa foi importante, para os usos sociais dos textos, pois a impressão dispõe a presença do leitor uma ampla variedade da memória coletiva, alargando o processo de memorização do saber.

Até o aparecimento da imprensa... dificilmente se distingue entre a transmissão oral e a transmissão escrita. A massa do conhecido está mergulhada nas práticas orais e nas técnicas; a área culminante do saber, com um quadro imutável desde a Antiguidade, é fixada no manuscrito para ser aprendida de cor... Com o impresso... não só o leitor é colocado em presença de uma memória coletiva enorme, cuja matéria não é mais capaz de fixar integralmente, mas é frequentemente colocado em situação de explorar textos novos. (LE GOFF, 1996 p.457)

A conservação da memória de um povo está inteiramente ligada a acontecimentos historicamente datados, baseados em recordações pessoais e experiências vividas por um grupo social, que cristalizam suas tradições, como também, se remetem para os cenários de dor e sofrimento que ocorreram num contexto histórico como se deu a ditadura militar. E nesse sentido, faz-se necessário conservar a memória coletiva de uma sociedade com o intuito de refletir o passado para reinventar o futuro. A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1996. p. 477)

Consideramos então, que a construção da história de uma sociedade é resultante dos resquícios da memória coletiva de um povo, que está totalmente interligada a memória individual do sujeito que vivencia e compartilha da ideologia do grupo a que pertence. As histórias vividas por um indivíduo ou por um grupo podem ser narradas em pequenas produções em prosa, tal qual a “crônica”, gênero textual que surgiu estritamente ligado ao jornalismo e com o decorrer do tempo adquiriu traços marcantes da literatura.

Na acepção moderna, porém não a de crônica mundana (que se confunde com reportagem de ocorrências sociais da alta roda), a crônica entrou a ser empregada no século XIX: liberto de sua conotação historicista, o vocábulo passou a revestir sentido estritamente literário. (MOISÉS, 2007 p.101-102)

Assim as crônicas de Eneida de Moraes têm características únicas e peculiares por apresentar um encontro das coisas banais do cotidiano proporcionando espontaneidade e muitas delas denunciam as injustiças sociais, como é o caso de “Companheiras”. Pode-se dizer que os textos da autora paraense situam-se entre o jornalístico e a literatura, fugindo dos padrões de uma crônica narrada em texto curto, como já citava Moisés (2007 p.116) em seus estudos, “Somente por exceção, como algumas crônicas de Eneida de Moraes, o texto se distende por várias laudas”. A escritora apropriava-se dos acontecimentos diários para a sua produção literária, como também utilizava uma linguagem simples e de fácil compreensão, permitindo o leitor dialogar com as concepções do autor, transmitindo assim, sua crítica social, expondo sua visão e compreensão dos fatos que os cercava.

A crônica “Companheiras” relata uma história memorialista da política brasileira e das injustiças sociais ocorrido no período da ditadura militar, o texto é narrado em primeira pessoa, onde o narrador vivencia os fatos em uma Casa de Detenção perpetuando uma experiência de horror e repressão no período do Estado Novo. É percebida na narrativa a presença de um narrador- personagem, apresentando-se com um grande diferencial, o mesmo não é identificado como protagonista, apenas compartilha acontecimentos comportando-se como os demais personagens envolvidos no enredo. Como também, em todo decorrer do texto é notável a utilização dos vocábulos no plural: “Éramos vinte e cinco mulheres presas políticas.”, “Pobres mulheres jogadas na prisão, sem menor conforto.” e “Ouvimos os passos do guarda subindo a escada”, enfatizando que aquele sofrimento pertencia de igual a igual a todas, e que elas mulheres companheiras eram protagonistas da própria história.

O texto é iniciado com a descrição da precariedade do ambiente, e dos objetos que eram negados as presas políticas para suprir suas necessidades básicas, como meias, luvas e um ambiente arejado.

Durante o inverno a sala era tão úmida, tão fria que enregelava mãos e obrigava os pés a manter um constante sapateado; no verão a sala era quente, tão quente que parecia querer matar- nos sufocadas a qualquer momento. (MORAES 1989 p.130)

O texto deixa claro, que o recinto era inadequado àquelas mulheres, revelando um espaço pequeno para acomodar o número de pessoas ali alojadas, os aspectos caracterizados do local já especificam uma tortura física e psicológica a qualquer ser humano, aparentando um lugar de pavor.

De um lado e do outro da sala, enfileiradas, agarradas uma as outras, vinte e cinco camas. Quase presas ao teto alto, quatro janelas fechadas por tristes e negras grades. Encostadas à parede, uma grande mesa com dois bancos. Ao fundo da sala os aparelhos sanitários. Por maior que fosse a nossa luta para mantê-los limpos e desinfetados, nunca conseguimos fugir do cheiro forte que exalavam. (MORAES, 1989 p. 131).

A linguagem simples e clara expõe os fatos, evidenciando a forma de desumanização que as pessoas eram expostas nos âmbitos carcerários, não lhes ofereciam o mínimo de dignidade, eram tratadas com as piores condições possíveis, para enfatizar o poder centralizador e opressor do regime militar, focando o resultado daqueles que transgrediam as ideologias dos seguidores da ditadura.

O tema político é bem enfatizado dentro do texto, deixando nítida opinião crítica da autora, a respeito do autoritarismo, antidemocracia e repressão do governo getulista no contexto que narradora vivenciava.

Éramos vinte e cinco mulheres presas políticas numa sala de Casa Detenção, Pavilhão dos Primários, 1935, 1936, 1937, 1938. Quem já esqueceu o sombrio facismo do Estado Novo com seus crimes, perseguições, assassinatos, desaparecimentos, torturas? (MORAES, 1989 p.131)

As torturas, as violências e as repressões provocadas contra as mulheres reforça a participação ativa delas na resistência ao militarismo. A partir dos discursos encontrados na crônica de Eneida de Moraes é apontada a mulher como ser atuante na frente de lutas por melhores condições, liberdade de expressão e direitos à cidadania, desmitificando o papel feminino como sujeito passivo e resignado ao patriarcado no curso da história, mas sim, mulheres que militaram lado a lado com os homens e sofreram as mesmas torturas e prisões correspondentes ao gênero masculino.

A Polícia Especial a maltratara monstruosamente. Mostrou-nos os seios onde trazia impressas marcas de dedos. Colocavam-na no alto da escada, amarrada e nua para forçá-la declarar ou delatar, enquanto dois homens enormes lhe puxavam o seio. [...] Jogavam-na de prisão em prisão. Ora era metida em celas de prostitutas, ora no meio de ladras ou ébrias. Durante mais de dois meses sofreu humilhações físicas e morais. (MORAES, 1989, p.136)

Esse fragmento do texto reforça os requintes de crueldades impostos por ideais, apregoados pela ditadura naquela época e a maneira que as mulheres presas políticas eram maltratadas nas prisões, lhes eram impostos os piores interrogatórios e repressões aquelas que eram suspeitas de oposição ao regime. Mesmo assim, os comunistas e simpatizantes eram perseguidos por todo o Brasil, os cárceres eram lotados por mulheres de diferentes classes sociais, e das mais diversas profissões das jornalistas as donas de casa todas ali eram militantes e lutavam contra a soberania nacional.

Havia louras, negras, mulatas, morenas; de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajas modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas vezes voltavam, outras nunca mais vinham. (MORAES, 1989, p.131-132)

Percebe-se na crônica que as mulheres trancafiadas naquele espaço eram das diferentes regiões do país, todas com uma história de vida diferenciada da outra, inclusive a autora chega a utilizar um discurso direto para citar a região Norte, deixando assim, as marcas de sua paixão por seu ambiente natal.

-Não sabemos quem é você. Mas nós somos antifascistas, nós somos presas políticas. Cada uma de nós tem uma estória; esta veio presa do Norte, aquela está aqui como refém porque o marido sumiu. Somos todas brasileiras. (MORAES, 1989, p.135).

Verifica-se, que a autora paraense não fugiu de uma de suas características na produção literária, citando o seu torrão amado na escrita da crônica, como também enfoca a participação das mulheres das diferentes regiões do Brasil, engajadas na militância contra a ditadura.

Na construção da crônica é percebido que a narradora de Eneida de Moraes recorre a suas recordações que em parte são lembranças bem subjetivas e outras abrangem o campo da coletividade, transitando assim, entre a memória individual e a memória coletiva. Ressaltando que segundo Fernandes (2011 p.140): “A escritora paraense Eneida de Moraes relata as razões desta produção literária, o que vem ao encontro da natureza da memória, por mais que a escritora não se intitule memorialista.”

Percebe-se, que a organização da memória da narradora é reforçada da realidade do contexto do momento histórico e pelos fatos vivenciados numa Casa de Detenção.

Foi nessa tarde que tenho gravada na memória que ela entrou na Sala das Mulheres. Nunca esquecerei seu ar de espanto nem aqueles sapatos que haviam sido brancos. Nunca esquecerei o vestido sujo, as mãos trêmulas, os cabelos brancos revoltos. (MORAES, 1989, p.134)

Observa-se na citação acima que as recordações foram adquiridas a partir de uma experiência pessoal, a qual pertence tão somente às lembranças particulares do narrador, onde foram armazenados detalhes minuciosos e tão pequenos tais como: os aspectos do rosto daquela mulher assustada, a situação dos sapatos e o estado do vestido da companheira recém-chegada na prisão.

Observa-se também que por meio da memória do narrador faz-se o levantamento de hipóteses, o que teria acontecido com aquele ser tão maltratado?. Esse fato é decorrente da visualização dos fatos presenciados pela autora que impregnaram sua memória. Essas recordações pessoais da escritora são apresentadas em outros parágrafos do texto. Recordando agora cumpro um dever. Jamais esquecerei também as vinte e cinco mulheres da sala ora fria, ora quente, do Pavilhão dos Primários. (MORAES, 1989, p. 138). Portanto, neste fragmento fica evidente na narrativa uma situação de recordações parcialmente mais interior da narradora, construída a partir das experiências adquiridas, do seu conhecimento de mundo, como também diz respeito à memória daquele grupo de mulheres vítimas do regime militar. Nesse sentido, confirma-se os estudos de Fernandes (2011, p. 41): “Consideramos que a memória ocorre em um processo de mão dupla: está para o indivíduo assim como está para a coletividade, por isso cabe falar em memória individual e memória coletiva”. Essa noção de memória individual e coletiva permeia por partes do texto, esses traços são percebidos explicitamente, tanto quanto nas entrelinhas da sequência narrativa.

- De meia noite às duas da manhã ela devia apanhar; ficou-lhe uma psicose. Essa mulher se chamava Elisa Sobopovsk, a Sabo Berger, mulher de Henri Berger. O governo Getúlio Vargas entregou-a mais tarde à Gestapo. Hitler matou-a. Sabo para mim foi uma revelação; jamais conheci mulher tão culta, tão humana, tão valente. Uma mulher tão bela. Nunca a esquecerei. Na noite que ela partiu com Olga Benário para o navio que as levaria a Hitler. (MORAES, 1989, p.137)

A partir desse fragmento pode se comprovar o que fora abordado anteriormente, a respeito do processo de entrelaçamento que se refere à memória coletiva e individual. Num primeiro momento do trecho é notável o entendimento da memória coletiva, quando refere-se às personagens de Sabo Berger e Olga Benário, personalidades importantes na luta contra os horrores da ditadura militar. Como também, quando fora aludido a Getúlio Vargas e Hitler, aciona-se lembranças de um dado momento histórico dos horrores da ditadura militar no Brasil e os requintes de crueldades do holocausto provocado nazismo na Alemanha.

Quanto à evidência de memória individual percebe-se no momento em que é revelada a extrema admiração a *Sabo* caracterizando como uma mulher “tão culta, tão valente e bela. Nunca esquecerei”. Essas já são recordações de caráter pessoal pertencendo apenas a uma experiência subjetiva da narradora.

Portanto, pode-se dizer que tanto a memória individual e memória coletiva na crônica “Companheiras” são expressas de forma intensa e clara do início ao fim da narrativa, chegando a ser confundida a biografia da autora com a voz da narradora. O texto retrata momentos de bravura e determinação de mulheres que lutavam por uma sociedade mais justa e democrática, num momento em que elas ainda não tinham conquistado um espaço de igualdade de voz e de vez numa nação que ainda sobrevivia à cultura patriarcal.

Assim, a literatura expressa na crônica “as companheiras” apresenta cunho social, por tratar dos problemas da sociedade tais como: o papel da mulher e a ditadura militar. A autora a partir de uma visão crítica recorre à literatura cristalizando um fato histórico, promovendo uma reflexão a partir do imaginário do leitor.

Considerações

Percebe-se que as recordações da narradora se organizam em torno do contexto histórico da época adquirido pela experiência de ser presa política no regime Militar. Esse fato ressalta a presença da memória coletiva presente na crônica, reforçando o que os estudos de Fernandes evidenciam que a memória ocorre num processo de mão dupla, tanto está para o particular, quanto para o coletivo e essas características se aplicam na narrativa.

Observa-se também, que a crônica estudada faz vir à tona um ponto de reflexão a respeito do papel da mulher na literatura, evidenciando que as mulheres na realidade, desde o passado apreciavam a expressão artística e transformavam os fatos mais singelos e as situações mais simples na mais bela obra literária a partir da arte de escrever. É o caso da escritora Eneida de Moraes que da experiência cruel de viver no cárcere e de um contexto de repressão militar, converteu a condição de pessoas injustiçadas pelo poder da ditadura na mais bela produção literária que é a crônica “Companheiras”.

Essa literatura expressa na crônica de Eneida de Moraes que questionava valores que permeavam a sociedade, retratando a realidade daquele momento fora produzida por uma mulher forte e paraense caracterizando assim, uma obra de Literatura de Expressão Amazônica compreensível a ideia do local para universal apontada por Fernandes e

Pantoja. Eneida sempre produziu suas obras voltadas para a realidade de seu torrão ficando expresso na crônica quando ela cita na narrativa de forma indireta a “Região Norte”.

A crônica de Eneida apresenta uma linguagem clara e expressiva, com caráter literário de fácil compreensão, expressando uma crítica social, onde a autora denuncia o autoritarismo e a repressão do período da ditadura.

A narrativa também enfoca o papel da mulher do século XIX não de passividade, porém de luta por seus direitos, e não apenas para si, mais algo mais amplo o direito à democracia de um povo, revelando que desde muito tempo a mulher reivindica seu espaço de autonomia na sociedade.

Referências

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos. Organizadoras. Desafios de Identidade: Espaço – Tempo de Mulher. Belém: CEJUP: GEPEM: REDOR, 1997.

CALDAS, Iraildes Gonzaga. A Mulher e Modernidade na Amazônia. Organização: Maria Luzia Miranda Álvares, Eunice Ferreira dos Santos, Maria Ângela D’ Incao. Belém: GEPEM/ CFCH/ UFPA, 1997.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária. Rio de Janeiro: Ouro Azul 2010.

COMPAGNON, Antoine. O Demônio da Teoria: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fontes Santiago. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2001.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Literatura brasileira de Expressão Amazônica, Literatura Amazônica ou Literatura da Amazônia? In: MOARA. Revista de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: CLA/UFPA, 2005.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Memória, História Oral e Narrativa: Interatividades. Revista a Palavrada. Bragança UFPA/ Faculdade de Letras, 2001.

GANCHO, Cândida Villares. Como Analisar Narrativas. São Paulo. Ática 2006.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo. Centauro, 2004.

LE GOOF, Jacques. História e Memória. Tradução Bernardo Leitão. 4 ed. Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, Edilene do Socorro Brito de Lima; ESPÍNDOLA, Sâmia do Socorro Luz. O Lirismo nas Crônicas Políticas de Eneida de Moraes: “A Revolução de 30” e “Companheiras”. Bragança, 2005.

LINHARES, Temístoles. História Crítica do Romance Brasileiro. Belo Horizonte, Itatiaia. Ed. da Universidade de São Paulo, 1887.

MOISÉS, Massaud. A Criação Literária: prosa. 20ª Edição. São Paulo. Cultrix, 2007.

MOISÉS, Massaud. A criação Literária: poesia. 16ª edição. São Paulo: Cultrix, 2003.

MORAES, Eneida. Aruanda. – Belém, Secult; FCPTN, 1989.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma História do Feminismo no Brasil. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2003.

RAMOS, Rogério de Araujo. Dicionário Didático de Língua Portuguesa: ensino fundamental. São Paulo, 2011.

SOUSA, Janete do Socorro Pinheiro; QUADROS, Maria Isabel Ferreira; SALGADO, Weth de Maria Correia. A Literatura Regionalista de Benedicto Monteiro. Bragança, 2004.

ABSTRACT: This article will present a study on memory in women during the military dictatorship in chronic politically motivated "Companions" writer's Para Eneida de Moraes from their militancy fought for a democratic and better world. To do this, the text will support the theories of HALBWACHS (2004) and LE GOOF (1996).

KEYWORDS: Memory; role of women; dictatorship; literature.